

Propondo os princípios operacionais do voleibol: pesquisa-ação no contexto da formação inicial em Educação Física

RESUMO

Este estudo tem por objetivo apresentar a proposição de Princípios Operacionais do voleibol a partir de uma pesquisa-ação realizada com os discentes da licenciatura em educação física que cursavam a disciplina “Metodologia do Ensino do Voleibol”. São apresentadas implicações práticas desta proposta para apontar caminhos de superação da tradição tecnicista no ensino dessa modalidade. O percurso metodológico envolveu a problematização dos princípios propostos por Bayer, a proposição de Princípios Operacionais específicos ao voleibol e a vivência prática visando observar suas implicações pedagógicas. Os resultados indicam que a elaboração dos princípios promoveu avanços na compreensão do jogo como ambiente de aprendizagem e contribuiu para a superação de práticas de ensino tradicionais. Conclui-se que este estudo contribui para o campo da Pedagogia do Esporte ao apontar caminhos iniciais para a definição dos Princípios Operacionais do voleibol, embora reconheçamos que a proposta possa ser ainda explorada em outros contextos. Assim, encorajamos novos estudos que aprofundem e diversifiquem esta incipiente proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial de professores; Ensino e aprendizagem; Pedagogia do esporte

Lucas Leonardo

Doutor

Universidade Federal do Amazonas,
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia
Manaus, AM, Brasil

lucasleonardo@ufam.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-1567-0686>

Tathiane Krahenbühl

Doutora

Universidade Federal do Amazonas,
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia
Manaus, AM, Brasil

tathiane.krahenbuhl@ufam.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-6801-4861>

Proposing the volleyball's operational principles: action research in the context of Physical Education initial formation

ABSTRACT

This study aims to present the proposition of Operational Principles of volleyball based on an action-research conducted with undergraduate students in physical education enrolled in the course "Methodology of Volleyball Teaching". Practical implications of this proposal are presented to indicate ways of overcoming the technicist tradition in the teaching of this sport. The methodological path involved problematizing the principles proposed by Bayer, proposing volleyball-specific Operational Principles, and engaging in practical experiences in order to observe their pedagogical implications. The results indicate that the development of the principles fostered progress in understanding the game as a learning environment and contributed to overcoming traditional teaching practices. It is concluded that this study contributes to the field of Sport Pedagogy by pointing out initial paths for defining the Operational Principles of volleyball, although we acknowledge that the proposal can still be further explored in other contexts. Thus, we encourage new studies that deepen and diversify this emerging proposal.

KEYWORDS: Initial teacher formation; Teaching and learning; Sport pedagogy

Proponiendo los principios operacionales del voleibol: investigación-acción en el contexto de la formación inicial en Educación Física

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo presentar la proposición de Principios Operacionales del voleibol a partir de una investigación-acción realizada con los estudiantes de la licenciatura en educación física que cursaban la asignatura "Metodología de la Enseñanza del Voleibol". Se presentan implicaciones prácticas de esta propuesta para señalar caminos de superación de la tradición tecnicista en la enseñanza de esta modalidad. El recorrido metodológico implicó la problematización de los principios propuestos por Bayer, la proposición de Principios Operacionales específicos para el voleibol y la vivencia práctica con el fin de observar sus implicaciones pedagógicas. Los resultados indican que la elaboración de los principios promovió avances en la comprensión del juego como ambiente de aprendizaje y contribuyó a la superación de prácticas tradicionales de enseñanza. Se concluye que este estudio aporta al campo de la Pedagogía del Deporte al señalar caminos iniciales para la definición de los Principios Operacionales del voleibol, aunque reconocemos que la propuesta aún puede explorarse en otros contextos. Así, animamos a nuevos estudios que profundicen y diversifiquen esta incipiente propuesta.

PALABRAS-CLAVE: Formación inicial de profesores; Enseñanza y aprendizaje; Pedagogía del deporte

INTRODUÇÃO

A homologação da BNCC propõe avanços relevantes ao ensino do esporte na Educação Física Escolar, especialmente pelo alinhamento ao campo da Pedagogia do Esporte. Entre eles, destaca-se a proposta de “[...] um modelo de classificação [esportiva] baseado na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação” (Brasil, 2018, p. 211), agrupando modalidades por exigências motrizes semelhantes (González; Bracht, 2010).

Essa proposta impacta o modo como os saberes esportivos são ensinados na Educação Física Escolar, ao favorecer práticas que estimulam a resolução de problemas estratégico-táticos pelos alunos ao superar o modelo tradicional de ensino centrado no ensino de movimentos instrumentalizados (Nogueira, 2013; Silva; Scaglia, 2023; Silva; Leonardo; Scaglia, 2021). Assim, cresce a necessidade de incorporar novas abordagens da Pedagogia do Esporte à Educação Física Escolar (Parente; Ginciene; Impolcetto, 2022).

Um marco teórico clássico que respalda o ensino a partir de abordagens centradas no jogo é a proposta fenômeno-estrutural de Bayer (1994) (Leonardo; Scaglia; Reverdito, 2009), que apresenta os “Princípios Operacionais” dos jogos esportivos coletivos como “Leis primeiras, quer dizer essenciais, evidentes e simples, elas sustentam, regulando-os [os esportes coletivos], tanto no ataque como na defesa” (Bayer, 1994, p. 47).

Estes princípios representam o plano funcional do jogo dos quais emergem regras de ação que balizam os comportamentos tático-técnicos dos jogadores (Menezes, 2021), tais como desmarcar, criar linhas de passe, realizar coberturas defensivas etc. (Bayer, 1994; Daolio, 2001) os quais podem ser mais bem aprendidos a partir do desenho de tarefas de aula e treino baseadas em jogos (Aquino, Menezes, 2022).

Para Bayer (1994) estes princípios são divididos em três pares dialéticos baseados na disputa da bola: a) “Conservação da bola x Recuperação da bola”; b) “Progressão dos jogadores e da bola para a baliza adversária” x “Impedir a progressão dos jogadores e da bola para a própria baliza”; e c) “Atacar a baliza adversária, isto é, fazer um ponto” x “Proteção da própria baliza e do campo”.

Embora os Princípios Operacionais sejam entendidos como elementos comuns a todos os esportes coletivos, Bayer (1994) ressalta limitações interpretativas para o voleibol, separando-o do rol dos esportes coletivos de invasão de território. Este movimento também é presente na própria BNCC, que enquadra o voleibol como um “esporte de rede/parede de rebote” – compartilhando sua lógica interna com modalidades como tênis de campo, badminton, tênis de mesa, entre outras –

enquanto os demais esportes coletivos – futebol, futsal, handebol, basquetebol, rugby e outras manifestações – são classificados como “esportes de invasão”.

No entanto, Ginciene e Impolcetto (2019) destacam que, apesar de agrupado em uma mesma categoria quanto à lógica interna, o voleibol apresenta diferenças em relação aos esportes de raquetes, cuja devolução do implemento do jogo é feita de forma não compartilhada, fazendo prevalecer o caráter opositivo do jogo. Já no voleibol, a partilha da bola pela equipe possibilita uma dinâmica opositivo-cooperativa.

Assim, dessa dupla possibilidade de classificação, que caracteriza o voleibol como um esporte de rede/parede (distante dos esportes de invasão), com dinâmicas cooperativas e opositivas (próximas aos esportes de invasão), a definição dos Princípios Operacionais do voleibol ganha atenção especial, afinal a não aplicabilidade dos Princípios Operacionais propostos por Bayer (1994) ao voleibol, pode resultar em maior dificuldade de elaboração intencional de tarefas baseadas no jogo para o ensino da modalidade.

Como resultante, isso pode fortalecer a prevalência de modelos de ensino do voleibol sustentado em propostas centradas na técnica no lugar da valorização da resolução de problemas de ordem tático-técnica em ambientes baseados no jogo (Ghidetti, 2022).

Diante disso, este estudo tem por objetivo apresentar a proposição de Princípios Operacionais do voleibol a partir de uma pesquisa-ação realizada com os discentes do curso de Licenciatura em Educação Física que cursavam a disciplina “Metodologia do Ensino do Voleibol” na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus. São apresentadas também as implicações práticas desta proposta com vista a apontar caminhos para superar a tradição tecnicista no ensino dessa modalidade.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este é um estudo qualitativo desenvolvido sob a forma de uma pesquisa-ação, na qual a junção entre a pesquisa e o pesquisador permite que as situações estudadas façam parte da prática de quem pesquisa (Franco, 2005; Thiollent, 2022).

Neste tipo de pesquisa, o conhecimento científico é provisório, o que transforma o professor em mais do que um consumidor de pesquisas realizadas por outros, mas também em um agente que transforma suas próprias salas de aula em objetos de pesquisa (Engel, 2000), identificando e acompanhando os problemas, avaliando as ações propostas, mas sempre mantendo uma postura de escuta e de esclarecimento, sem impor de maneira unilateral suas concepções (Thiollent, 2022).

A escolha por conduzir uma pesquisa-ação foi motivada por um diagnóstico realizado pelo primeiro autor durante a primeira aula da disciplina “Metodologia do Ensino do Voleibol”, ofertada no primeiro semestre de 2024 no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas.

Em roda de conversa, foram propostas duas perguntas geradoras: a) “Quais os conteúdos do voleibol vocês ensinariam na escola?”; b) “Como ensinariam esses conteúdos?”. As respostas mais citadas foram: a) ensinar os gestos técnicos por meio de exercícios isolados; b) ensinar o rodízio explicando o posicionamento dos jogadores; e c) usar o sistema de jogo 6:0 com levantador na posição 3, aplicando-se o jogo formal de 6x6.

Esse diagnóstico confirmou uma tendência de ensino baseada na abordagem tradicional, em que o jogo é dividido em partes técnicas e aplicado formalmente, tendência também apontada por Impolcetto e Darido (2011) em estudos com professores de Educação Física Escolar.

Contudo, essa abordagem se distancia das perspectivas contemporâneas em Pedagogia do Esporte, que entendem o jogo como um ambiente de aprendizagem no qual o movimento humano é compreendido a partir dos sentidos e significados emergentes do ato de jogar (Nogueira, 2013; Ghidetti, 2022; Aquino; Menezes, 2022).

A partir desse diagnóstico, o primeiro autor buscou orientação da segunda autora desta pesquisa, experiente em pesquisa-ação, para ajudar na condução do estudo. Conjuntamente, foi identificado ao longo das aulas a necessidade de construir junto com os discentes os Princípios Operacionais do voleibol como forma de conduzir propostas pedagógicas que superassem o diagnóstico inicial.

Considerando que a pesquisa-ação entende o conhecimento como provisório e situado historicamente, este estudo parte do pressuposto de que estes novos conceitos foram elaborados para solucionar os problemas situados no próprio contexto estudado. Assim, este estudo se distancia de uma perspectiva universalizante e transcendente (Deleuze; Guatarri, 2010), ao reconhecer que “[...] o conceito se modifica e que toda verdade que possamos instituir (caso possamos) será circunstancial” (Godoy; Leonardo; Scaglia, 2022, p. 3).

Sem uma previsão inicial do número de aulas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, em conjunto, primeiro autor e a segunda autora definiram três etapas para a condução da pesquisa: a) conceituar e problematizar os Princípios Operacionais a partir da obra de Bayer (1994); b) propor e validar uma proposta de Princípios Operacionais aplicáveis ao voleibol; c) experienciar implicações pedagógicas por meio de seminários práticos. Ao final, foram realizadas nove aulas de duas horas: uma para a etapa “a”, três para a etapa “b” e cinco para a etapa “c”.

Durante o estudo, o primeiro autor foi responsável pela mediação pedagógica, sempre baseada em questionamentos, portanto, ancorada na superação da transferência de “saberes mortos” não mobilizados na relação pedagógica, em favor de proposição de “saberes vivos” ativamente criados e geridos na relação professor-saber-aluno (Crahay; Marcoux, 2016).

Todo o processo foi registrado em diário de campo com anotações de pontos-chave das aulas, seguida do registro das impressões detalhadas das experiências vividas (Oliveira; Fabris, 2017).

Para realização da pesquisa, apresentou-se aos discentes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram explicados os objetivos do estudo e o processo a ser construído. Participaram deste estudo todos os 32 discentes matriculados na disciplina.

Esta pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa sob CAAE 85700518.1.0000.5083 e parecer 2.872.245, e está em conformidade com a declaração de Helsinki de 1995.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresenta os resultados do processo de pesquisa-ação desenvolvido na disciplina "Metodologia do Ensino do Voleibol". Os dados foram organizados nas três etapas principais supracitadas.

Etapas A – Conceituando e problematizando os Princípios Operacionais

Tendo como ponto de partida o trabalho de Bayer (1994), a atividade inicial da primeira aula envolveu a identificação das invariantes compartilhadas pelos esportes coletivos, a saber: quadra, bola, alvo a atacar, alvo a defender, colegas, adversários e regras.

O objetivo foi abrir o debate sobre quais seriam as invariantes específicas do voleibol. As discussões nos levaram à percepção de que as invariantes dos esportes coletivos apontadas por Bayer (1994) precisavam ser revistas para o voleibol, especificamente, pela fusão entre terreno de jogo e alvo a atacar e defender.

Então eu afirmei: “Voleibol tem bola?”, responderam afirmativamente; “Voleibol tem colegas e adversários?”, concordaram; “Tem um terreno de jogo?”, todos afirmaram; “Tem regras?”, assentiram; “Tem alvo?”, alguns hesitaram. Ficou claro que este era um ponto a ser debatido. Então, comecei uma nova roda de perguntas: “Para que serve a baliza no futebol?”, “Marcar gols”, “Fazer gols” disseram alguns; “No basquete, para que serve a cesta?”, “para arremessar”, “para fazer pontos”, foram as respostas. “Então, o que seriam as balizas ou a cesta do voleibol?”. Os/as mais corajosos/as responderam “a quadra”, emendei, “Exato, acertar a quadra é uma forma de pontuar, assim, no voleibol o terreno é o alvo” (Diário de Campo, 03 de janeiro de 2024).

Por fim, cinco invariantes específicas do voleibol foram definidas: 1) alvo/terreno dividido, 2) colegas, 3) adversários, 4) bola/objeto de disputa; e 5) regras do jogo.

Ainda na mesma aula, os Princípios Operacionais de Bayer (1994) foram apresentados, que se articulam em função da disputa pela posse de bola. Disso, algumas questões emergiram: “[...] como aconteceria a progressão se a quadra é dividida? No voleibol é possível impedir a progressão da bola? Como ficaria a conservação da posse de bola se a equipe só tem direito a três toques?” (Diário de Campo, 03 de janeiro de 2024)

Segundo Bayer (1994), dentre os Princípios Operacionais, aqueles orientados ao ataque parecem ser plenamente aplicáveis ao voleibol, com exceção à conservação da posse de bola, limitada a três toques e cuja interferência do adversário é nula. Entretanto, os princípios defensivos são pouco desenvolvidos na sua obra, sendo apontado como elemento de maior destaque o fato de a proteção do campo ser um princípio muito importante.

Esta carência de clareza sobre os Princípios Operacionais do voleibol podem ser uma das justificativas da ampla produção em Pedagogia do Esporte focada nos esportes de invasão, se comparada ao voleibol (Darido e Rufino, 2011; Costa et al., 2019; Brasil; Paes, 2024), fato que levou à necessidade de, em conjunto com os alunos, estabelecer um ciclo de aulas voltado exclusivamente para a proposição destes princípios e de sua validação.

Etapa B – A proposição e validação dos Princípios Operacionais do voleibol

A Etapa B foi iniciada numa nova aula. Os alunos foram orientados que um princípio é “[...] aquilo que acontece no voleibol pelo simples fato de o estarmos jogando. Pensem que somos jogados pelo jogo, e que nossas escolhas estão subjugadas a uma lógica que o voleibol nos propõe” (Diário de Campo, 08 de Janeiro de 2024).

Esta afirmação coloca destaque ao sentido que as relações emergentes entre jogo e jogador podem ter. Se, como afirmam Leonardo e Scaglia (2022), não existe jogo sem jogador, já que são as

ações dos jogadores que concretizam o ato de jogar, em concomitância, existe uma lógica interna a este jogo que “joga este jogador” ao direcionar o sentido de suas ações (Eco, 1989; Reverdito; Scaglia, 2007).

A partir disso, cada grupo teve aproximadamente 30 minutos para definir os próprios Princípios Operacionais do voleibol. Depois, cada grupo foi à lousa, escreveu e explicou suas ideias e sugestões (Tabela 1) e receberam a orientação de que registrassem também as propostas dos outros grupos para análise mais aprofundada nos encontros seguintes.

Tabela 1 – As primeiras sugestões de Princípios Operacionais do voleibol

| GRUPO 1 | GRUPO 2 | GRUPO 3 |
|--|--|---|
| <p><i>Ataque</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Passar a bola para a quadra adversária • Fazer a bola tocar o terreno de jogo adversário <p><i>Defesa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Impedir o toque da bola no próprio terreno • Impedir a finalização (cortada) • Cobrir a área de jogo | <p><i>Ataque</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Pontuar para manter a posse de bola • Passar a bola em direção ao alvo adversário <p><i>Defesa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Proteger o próprio alvo • Impedir a passagem da bola | <p><i>Ataque</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Passar a bola com objetivo de acertar o alvo adversário • Buscar espaços onde não haja proteção do alvo adversário <p><i>Defesa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Proteger o próprio alvo impedindo que a bola caia no chão • Impedir a passagem da bola bloqueando os espaços abertos |

Fonte: Os autores (2025)

Iniciada nova aula, uma conversa sobre as sugestões apresentadas na aula anterior foi proposta, verificando ser estável nos três grupos a presença de um Princípio Operacional relacionado a “impedir a passagem da bola/finalização” (ver Tabela 1).

Conforme aponta Bayer (1994 p. 48), no voleibol “[...] não é possível qualquer intervenção para impedir o adversário de construir o ataque. Os jogadores [de ataque] não tentam evitar as intercepções adversárias”. Assim, o primeiro autor problematizou esta situação:

“Turma, no vôlei dá para impedir que o adversário tente passar a bola para nossa quadra?”. Algumas vozes fizeram referência ao bloqueio, falando ou levantando as mãos simulando a ação. Continuei meu raciocínio: “Se pensássemos nas etapas do Bayer, bloquear impede a ação da cortada ou seria apenas uma ação de defesa?”. Os alunos concordaram que bloquear seria uma forma de proteger o alvo. Logo, concluímos que não haveria no voleibol um princípio específico para “impedir a progressão”. (Diário de Campo, 08 de janeiro de 2024).

Após estas conclusões, outro princípio entrou em pauta, “passar a bola”, também presente nas propostas dos três grupos. Porém, para os Grupo 1 e 2 essa ação se relacionaria à simples tentativa de fazer a bola ser dirigida ao campo adversário, enquanto para o Grupo 3, ela também poderia se relacionar ao ato de pontuar (ver Tabela 1).

Durante a discussão sobre a melhor maneira de conceituar este princípio, uma aluna com menor experiência no voleibol disse: “Eu acho difícil dar os três toques. Passar a bola para a outra quadra já é uma conquista. Por mim, passo a bola sempre de primeira para o outro lado” (Diário de Campo, 08 de janeiro de 2024).

Essa fala destacou um ponto importante: para iniciantes, passar a bola pode ser mais uma forma de manter o fluxo do jogo e evitar sofrer pontos do que propriamente tentar pontuar. Diante disso, foi possível reforçar a existência de um princípio que não estaria necessariamente ligando formas de pontuar por meio do ato de passar a bola para a quadra adversária, mas relacionado diretamente à manutenção do jogo em seu curso, conforme apontaram os Grupo 1 e 2. Assim, do ponto de vista ofensivo, este princípio foi definido como “Passar a bola para o lado adversário (em até 3 toques)”, o qual, por oposição, teria por princípio defensivo “Não deixa a bola cair na própria quadra/alvo depois de enviada pelo adversário”.

Ainda, à luz do que a aluna relatou, outra questão foi levantada: “Não deixar a bola cair é apenas um princípio defensivo, ou também seria parte do jogo ofensivo?” (Diário de Campo, 08 de janeiro de 2024), afinal, manter a bola no ar durante a construção do jogo ofensivo também precisaria ser considerado na análise dos Princípios Operacionais, uma vez que esta etapa pode ampliar o risco de a bola cair na própria quadra, especialmente para iniciantes.

Em termos pedagógicos, Impolcetto e Darido (2011) revelam que segurar a bola é uma estratégia que professores utilizam como forma de oportunizar maior controle nas fases de construção do jogo, colocando em destaque os riscos de sofrer um ponto que esta etapa do jogo possui para escolares. Esta questão gerou muitas dúvidas entre os alunos, afinal, fazia sentido compreender que a construção do jogo ofensivo também está condicionada à manutenção da bola no ar, e não apenas a ação defensiva.

Para que não houvesse dúvidas, foi elaborado um princípio ofensivo específico denominado “Não deixar a bola cair enquanto é construído o jogo ofensivo”, uma vez que esse princípio difere da ação defensiva de “não deixar a bola cair”, embora tenha em comum o fato de ter nesta etapa de construção o momento de recepção/defesa da bola vinda da quadra adversária.

Defensivamente, porém, as dúvidas permaneceram durante a tentativa de construção do par dialético ao princípio que acabara de ser elaborado. Os alunos não conseguiram compreender o que a equipe defensora teria que fazer enquanto os adversários estivessem construindo do jogo ofensivo.

Em novo encontro, um jogo disponível online foi utilizado como recurso pedagógico, a partir do qual os alunos foram orientados a observar e explicar o que a equipe sem a posse da bola fazia. Foi um momento interessante:

Inicialmente uma aluna disse: “Professor, elas não param de se mexer”. Eu perguntei então por que elas se mexiam tanto. Um aluno bastante experiente na modalidade disse: “É preciso jogar sem bola na defesa, atento para onde a bola vai ser levantada, se a bola vai ser largada de segunda, se o passe quebrou”. Imediatamente anotei o que o aluno falou pedindo para ele repetir a ideia. Aquela fala era muito importante (Diário de Campo, 08 de janeiro de 2024).

Conforme destacam Hileno e Buscà (2012), o voleibol é dividido em cinco complexos que explicam o fluxo das ações no voleibol. Em especial os complexos 2, 3 e 4, possuem como característica a transição defensiva da equipe atacante que, após passar a bola para a quadra adversária, deve-se preparar em função do que a equipe em posse de bola constrói ofensivamente.

Ao observarem a equipe sem posse de bola a percepção sobre estas ações foram aguçadas, tornando evidente que a equipe defensora deve constantemente se ajustar às ações ofensivas da equipe contrária.

Chegou-se, então, à ideia do princípio de “Ajustar-se às ações de construção do jogo ofensivo adversário”, fechando assim um novo par dialético com o princípio ofensivo de “Não deixar a bola cair enquanto é construído o jogo ofensivo” antes definido. A partir disso, ao ato de pontuar relacionado à passagem da bola para a quadra adversária foi retomado, conforme ideia do Grupo 3:

“Pessoal, as equipes só marcam ponto no jogo quando passam a bola para a quadra adversária?”, um dos alunos com mais experiência na modalidade disse “Podemos explorar o adversário... o bloqueio”. Neste momento, uma aluna disse, “Explorar pode ser sacar num jogador mais fraco?”, achei interessante. Outro complementou, “Fazer a outra equipe errar”. (Diário de Campo, 08 de janeiro de 2024).

Neste momento, alguns alunos lembraram suas aulas de voleibol na escola e concluíram que a maioria dos pontos conquistados e sofridos eram fruto mais de erros das equipes ao receber a bola da outra quadra do que de ações efetivas de ataque

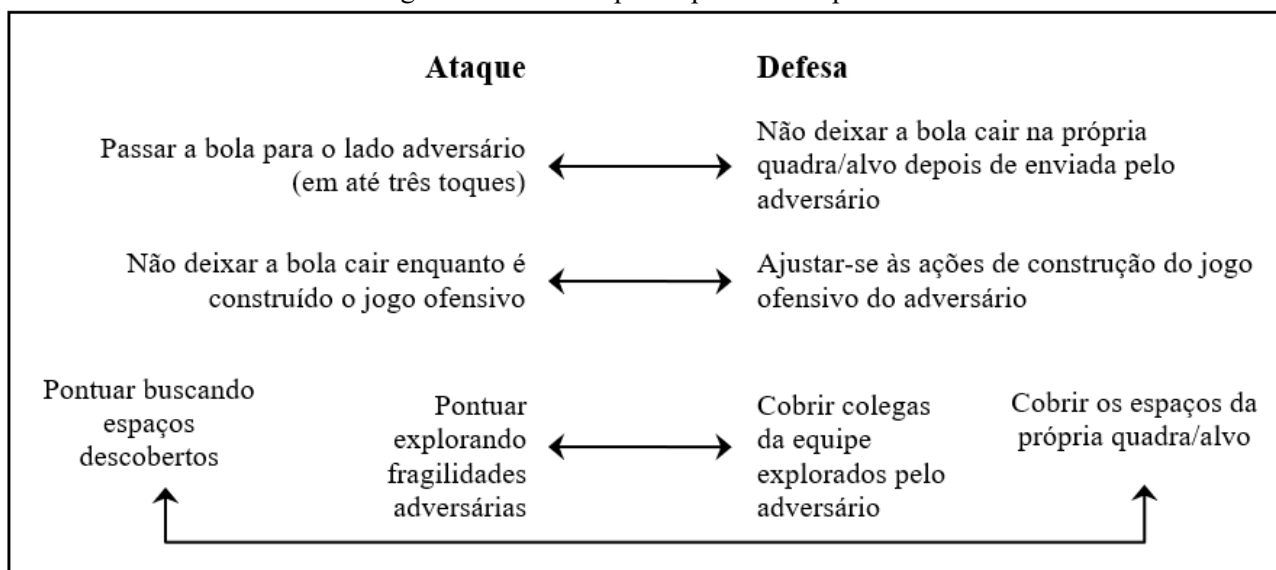
Tal percepção, que justifica a existência de mais de uma forma de pontuar no voleibol, é corroborada por Batista et al. (2015) que, ao analisar o voleibol escolar infantil e juvenil, observaram que a recepção do saque no contexto estudado incide negativamente nas oportunidades efetivas de atacar.

Assim, depois de algumas tentativas, chegou-se ao entendimento de que para definir princípios relacionados à busca do ponto, seria necessário pensar duas ideias: 1) Um Princípio Operacional denominado por “Pontuar buscando espaços livres na quadra adversária”, contraposto

dialeticamente pelo Princípio Operacional defensivo de “Cobrir os espaços da própria quadra/alvo”;
 2) Um princípio para “Explorar fragilidades adversárias”, evidenciando que pontuar não depende apenas de uma das equipes colocarem a bola no chão, o qual foi complementado defensivamente por atitudes que ajudem a proteger jogadores mais fragilizados, ou seja, pelo princípio defensivo de “Cobertura de colegas da equipe explorados pelo adversário”.

A Figura 1 apresenta a proposta que foi organizada em pares dialéticos, no qual ações ofensivas e defensivas se relacionam de forma recíproca conforme a dupla seta (Leonardo; Scaglia; Reverdito, 2009).

Figura 1 – Os Princípios Operacionais para o voleibol.



Fonte: Os autores (2025)

Na aula seguinte, os alunos foram orientados sobre a necessidade de validar tais Princípios Operacionais analisando um jogo. Divididos em cinco grupos, os alunos receberam o esquema da Figura 1 impresso. O primeiro set do mesmo jogo online antes analisado, foi assistido. Os lances eram pausados e revisados visando identificar a presença dos princípios. Os alunos foram orientados também para que registrassem qualquer observação que sugerisse novos princípios ou ajustes.

Uma aluna destacou uma situação em que o ataque tocava o bloqueio e resultava em ponto para a equipe atacante. Isso levantou dúvidas sobre se havia relação dessa ação com os princípios elaborados ou se seria necessário de criar outro:

Lembre-se da ideia-chave, um princípio acontece pelo simples fato de estarmos jogando voleibol, reforcei. Se a jogadora ataca buscando espaços e a bola bate no bloqueio, isso já está previsto nos princípios estabelecidos? Agora, se o ataque for intencionalmente direcionado para explorar o bloqueio, não seria o mesmo que explorar as fragilidades do oponente? Chegamos à conclusão de que estas seria as maneiras mais plausíveis para interpretar o toque da bola no bloqueio (Diário de Campo, 10 de janeiro de 2024).

Outro ponto discutido foi a situação em que o ataque tocava um defensor e caía dentro ou fora da quadra, e as reflexões foram semelhantes às anteriores: tratava-se de uma tentativa de pontuar, mas a resposta defensiva interferia no sucesso desta ação. Logo, o par “Pontuar buscando espaços vazios” e “Cobrir espaços da própria quadra/alvo” eram suficientes para explicar estes desdobramentos.

Ao final deste processo, chegou-se à conclusão de que os Princípios Operacionais definidos eram satisfatórios e abrangentes o suficiente para explicar as dinâmicas funcionais do jogo de voleibol.

Etapas C – As implicações pedagógicas da proposta

A Etapa C foi proposta para analisar como as percepções dos discentes sobre os saberes elaborados se concretizavam na prática. A estratégia de seminários práticos permitiu que as análises fossem realizadas diretamente da práxis dos alunos, em meio à articulação crítica entre saber e fazer (Franco; Libâneo; Pimenta, 2011).

Durante este novo ciclo pedagógico, os discentes exploraram os pares dialéticos dos Princípios Operacionais (Figura 1). Três aulas práticas foram realizadas utilizadas para elaboração e experimentação das próprias propostas. Outras duas aulas foram usadas para seminários práticos, nos quais todos aplicaram suas propostas pedagógicas ao restante da turma.

Foi possível observar que, impulsionados pela proposição dos Princípios Operacionais, os discentes optaram por elaborar propostas que privilegiaram o jogo como ambiente de aprendizagem, corroborando a premissa de Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009) de que a compreensão dos esportes a partir de uma lógica centrada nos seus Princípios Operacionais impulsionam a gênese metodológica para o ensino dos esportes coletivos baseada nos jogos (Quadro 1).

Os jogos elaborados guardam características típicas de “Jogos Conceituais”, uma vez que nesta matriz de jogo proposta pela abordagem pedagógica da Pedagogia do Jogo (Scaglia et al., 2013; Scaglia et al., 2021), as invariantes do jogo (regras, terreno de jogo, alvos a atacar e defender, colegas e adversário e objeto de disputa) e os Princípios Operacionais não precisam seguir rigorosamente a lógica formal da modalidade esportiva alvo do processo de ensino-aprendizagem (Scaglia et al., 2021, p. 60).

Quadro 1 – Síntese dos jogos elaborados a partir dos Princípios Operacionais do voleibol propostos

| Princípios Operacionais / Objetivos Pedagógicos | Grupo | Invariantes do Jogo | | | | Principais Estratégias |
|--|-------|--------------------------|---|-----------------------------------|---|---|
| | | Nome do Jogo/Atividade | Colegas e Adversários | Terreno/Alvo | Regras do Jogo | |
| Passar a bola para o lado do adversário x Não deixar a bola cair na própria quadra | G1 | Não deixe a bola cair | 3x3 (< habilidade); 2x2 (> habilidade) | 6m x 9m / rede 2m | Manter a bola no ar sem restringir quantidade de toques antes de passar para a quadra adversária | <ul style="list-style-type: none"> • Reduzir zonas de dúvida reduzindo a quantidade de jogadores; • Valorizar a ação de passar direto a bola; • Facilitar controle da primeira bola. |
| | G2 | | 3x3 | | | |
| | G3 | Salve a bola | 3x3 | 6m x 9m / rede 2m | Segurar a bola vinda da quadra adversária é permitido; máximo de 3 toques por equipe antes de enviar a bola para a outra quadra | |
| | G4 | Perde e Ganha | 2x2 | 3m x 9m / rede 2m | Quantidade de toques do <i>rally</i> somam pontos em disputa; quem vence o <i>rally</i> leva todos os pontos; segurar bola vinda do adversário é permitido; sugestão: não saltar | |
| | G5 | Você é sua Equipe | 3x3 | 6m x 9m / rede 2m | Passar de primeira e a bola cair = 3 pontos; construir o jogo e a bola cair = 1 ponto; segurar bola vinda do adversário é permitido | |
| Construir o jogo ofensivo x Ajustar-se à construção adversária | G1 | Volênçol | 4x4 | 6m x 9m / rede 2m | Dupla com lençol/toalha/colete deve receber a bola e controlá-la; colega sem lençol deve passar para a outra quadra | <ul style="list-style-type: none"> • Facilitar o controle da primeira bola; • Dificultar a percepção do momento da passagem da bola ao não definir quantidade de toques; • Inserir elementos na quadra adversária que chamem a atenção para pontuar mais e vencer/perder o jogo. |
| | G2 | Vôlei Cego | 3x3 | 4,5m x 9m / rede 2m coberta | Segurar a bola vinda da quadra adversária é permitido; realizar mínimo de 2 ou máximo de 3 toques antes de passar a bola | |
| | G3 | Jogo dos Correspondentes | 3x3 | 4,5m x 9m / rede 2m | Jogadores em pares correspondentes (um em cada time); somente o par pode receber a bola enviada para sua quadra; até 3 toques | |
| | G4 | Campo Minado | 2x2 | 3m x 9m / rede 2m | Segurar a bola vinda da quadra adversária é permitido; quando a bola cair coloca-se um cone na quadra adversária; acertar o cone = vitória | |
| | G5 | Você é sua Equipe | 1x1 | 3m x 9m / rede 2m | Cada jogador pode realizar até 3 toques individuais antes de passar | |
| Pontuar buscando espaços descobertos x Cobrir estes espaços | G1 | Jogo do Coringa | 2x2 + coringa | 6m x 9m / rede 2m | Após o saque, apenas o coringa toca na 1ª bola; é obrigatório segurar a 2ª bola | <ul style="list-style-type: none"> • Permitir continuação do jogo após defesa, obrigando segurar a 2ª bola. • Valorizar ponto conquistado sem contato defensivo (direto no chão); • Valorizar esforço de tocar na bola na defesa, mesmo que ela caia (anular chance de o adversário pontuar); • Reconhecer pontos vulneráveis; • Dificultar contato defensivo; |
| | G2 | Salve sua quadra | 3x3 | 6m x 9m / rede 2m | Marcar “X” na quadra adversária; bola que cair sem contato defensivo no “X” = 2 pontos; bola que cair em outras partes = 1 ponto; a cada 3 bolas que caem sem contato, marca-se novo “X” | |
| | G3 | Jogo da Velha | 3x3 | 6m x 9m / rede 2m + jogo da velha | Se a bola cair sem contato defensivo, equipe que pontua joga uma rodada do jogo da velha. Vence quem ganhar o jogo da velha | |
| | G4 | Jogo da Cruz | 2x2 | 4,5m x 9m / rede 2m | Quadra dividida em 4 zonas (duas ofensivas e duas defensivas); colegas em diagonal (abrir espaços propositalmente) até adversário passar a bola, podendo, após isso se movimentar | |
| | G5 | Cubra sua quadra | 2x2 | 4,5m x 9m / rede 2m | Quadra dividida em zona de ataque (1m da linha central) e de defesa; bola que cai na zona de ataque sem defesa = vitória; demais zonas = 1 ponto | |
| Pontuar explorando fragilidades adversárias x Cobrir colegas | G1 | Espionagem | 3x3 | 6m x 9m / rede 2m | Jogador de colete não pode receber bola adversária; após um ponto o jogador de colete pode ser alterado (a qualquer momento) | <ul style="list-style-type: none"> • Restringir contato de certos jogadores para explorá-los como ponto frágil |
| | G2 | Perde e Ganha | 2x2 | 3m x 9m / rede 2m | | |
| | G3 | Encontre o jogador | 3x3 | 6m x 9m / rede 2m | Quem passa a bola não pode receber a 1ª bola adversária quando ela volta; segurar bola vinda do adversário é permitido | |
| | G3 | Esconderijo | 2x2 | 3m x 9m / rede 2m | Quem passa a bola não pode receber a 1ª bola adversária quando ela volta; quem passa a bola deve se posicionar em zona neutra (cada equipe define o lugar desta zona); é permitido segurar a bola uma vez por posse | |
| | G5 | Você é sua equipe | 2x2 | 3m x 9m / rede 2m | Antes do saque, cada equipe escolhe um jogador adversário que não pode receber durante a cada <i>rally</i> , | |

Fonte: Os autores (2025)

Observa-se ainda a predominância de modificações que se aproximam aos princípios pedagógicos propostos pelo *Teaching Games for Understanding* (TGfU). Ao analisar as regras propostas pelos discentes, destacam-se estratégias que visam:

- a) Modificação por Exagero: ao proporem mudanças que dão maior ênfase aos Princípios Operacionais que são o objetivo específico do jogo, tal como permitir segurar a bola em momentos específicos do jogo, em que é dada maior atenção à relação entre os princípios de “Passar a bola para o lado do adversário x Não deixar a bola cair na própria quadra”; e estabelecer uma regra em que o toque defensivo anula a chance de pontuar da equipe adversária, enfatizando a relação entre “Pontuar buscando espaços descobertos x Cobrir estes espaços”. Assim, os Princípios Operacionais enfatizados assumem o papel do problema tático a ser resolvido no jogo (Clemente, 2012).
- b) Modificação por Representação: ao proporem jogos reduzidos cuja estrutura tática se assemelha àquela do jogo formal, tal como a utilização de jogos em 3x3, resguardando a possibilidade de que os papéis de recepção/defesa, levantamento e ataque permitissem variabilidade de tomada de decisão e resguardando a integridade do jogo (Clemente, 2012).
- c) Ajustamento da Complexidade Tática: ao serem propostos jogos com redes mais baixas, quadras reduzidas e redução do número de jogadores para reduzir zonas de dúvidas, bem como a permissão a formas alternativas de controlar a bola, ao permitir mais de três toques pela equipe, segurar a bola, ou mesmo obrigando a passar a bola para a quadra adversária de primeira, entende-se que os discentes buscaram maneiras de ajustar o jogo às competências de jogadores em fase de iniciação ao voleibol (Cardoso et al., 2023).

Assim, a proposição destes princípios fomentou a utilização de abordagens centradas no jogo como ambientes de aprendizagem potenciais para o voleibol, superando um viés tradicionalmente tecnicista para o ensino desta modalidade (Parente; Ginciene; Impolcetto, 2022).

Ao final da aplicação dos seminários, estratégias pedagógicas que eram compartilhadas pelos jogos relativos a cada princípios foram debatidas, a fim de criar uma lista que poderia balizar a elaboração de “Jogos Conceituais” modificados por exagero, representatividade e ajustados em sua complexidade tática para cada um dos Princípios Operacionais em futuras experiências docentes (ver coluna “Principais Estratégias”, Quadro 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando apresentar o processo de proposição de Princípios Operacionais do voleibol, tendo como pressuposto o ensino do esporte por meio de situações-problema e das novas tendências em Pedagogia do Esporte, esta pesquisa-ação demonstrou caminhos possíveis para a superação de práticas tradicionais no ensino da modalidade.

O percurso desenvolvido evidenciou que a problematização coletiva e a construção de saberes situados ao ambiente formativo de futuros professores de educação física, colocando os discentes como sujeitos que são também produtores de seus próprios conhecimentos, podem fortalecer a compreensão do jogo como ambiente de aprendizagem.

O estudo também contribui para o campo da Pedagogia do Esporte por apontar caminhos para a proposição de Princípios Operacionais específicos para o voleibol, respeitando suas particularidades lógicas e estruturais. Reconhecemos, porém, que como todo conceito é uma proposta em movimento, este estudo deve ser compreendido com base em limitações oriundas de sua aplicação num contexto único e específico.

Concluímos, assim, que a definição de Princípios Operacionais para o voleibol é um movimento aberto e inacabado, cuja validade depende da confrontação contínua com novos sujeitos, contextos e experiências pedagógicas e nesse sentido, encorajamos a realização de novos estudos que aprofundem e diversifiquem esta incipiente proposta, ampliando as possibilidades de ensino do voleibol na Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rodrigo Leal de Queirós Thomaz de; MENEZES, Rafael Pombo. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão: um ensaio teórico. **Conexões**, v. 20, p. e022002-e022002, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8666344>.

BATISTA, Gilmário Ricarte et al. Relação do saque e recepção na finalização do ataque no voleibol escolar feminino infantil e juvenil. **Conexões**, v. 13, n. 1, p. 99-113, 2015. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v13i1.2151>.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BETTEGA, Otávio Baggiotto; MACHADO, João Cláudio; PASQUARELLI, Bruno Natale; AQUINO, Rodrigo; SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. **Revista Inclusiones**, v. 8, n. 10, p. 185-213, 2021. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3008>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BORTOLETTO, Leonardo Rebelato; PARENTE, Thomás Augusto; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. O step game approach como uma possibilidade para o ensino do voleibol por meio de jogos. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 23, n. 1, p. 59-68, 2024. Disponível em: <https://fontouraeditora.com.br/periodico/article/1714>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Autor, 2018.

BRASIL, Douglas Vinicius Carvalho; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte no Brasil: análise a partir das publicações em periódicos brasileiros entre 2015 e 2020. *Movimento*, v. 30, p. e30013, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.137625>.

CARDOSO, Vinicius Felipe; LISBOA JÚNIOR, Iron Martins; SOUSA, Paulianny Mirelly Gonçalves de; INÁCIO, Huberto Luis de Deus. Pedagogia do esporte e a Educação Física escolar: possibilidades entre o teaching games for understanding (TGfU) e o minivoleibol. **Motrivivência**, v. 36, n. 67, p. 1–17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e93736>.

CLEMENTE, Filipe Manuel. Princípios pedagógicos dos teaching games for understanding e da pedagogia não-linear no ensino da educação física. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 315-335, 2012. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.27495>.

COSTA, Roberto Rocha et al. Pedagogia do esporte: publicações em periódicos científicos brasileiros de 2010 a 2015. **Conexões**, v. 17, p. e019008-e019008, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8658796>.

CRAHAY, Marcel; MARCOUX, Géry. Construir e mobilizar conhecimentos numa relação crítica com os saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 159, p. 260-273, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143575>.

DAOLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 4, p. 99-104, 2002. DOI: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v10i4.478>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010.

ECO, Umberto. Huizinga e o jogo. In: ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 269-285.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, n. 16, p. 181-191, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.214>

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. **Educação em Foco**, v. 14, n. 17, p. 55-78, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.24934/cef.v14i17.103>.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>.

FREITAS, Mateus; PEREIRA, Eliane Regina. O diário de campo e suas possibilidades. **Quaderns de Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 235-244, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

GHIDETTI, Filipe Ferreira. Pedagogia do esporte e educação física: a convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. **Movimento**, v. 26, p. e26034, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.96529>.

GINCIENE, Guy; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede/parede: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 2, p. 121-132, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v27i2.9135>

GODOY, Luís Bruno; LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Do macrojogo ao microjogo: os vários jogos que compõem o jogo. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e87101>.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2012.

HILENO, Raul; BUSCÁ, Bernard. Herramienta observacional para analizar la cobertura del ataque en voleibol. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v. 12, n. 47, p. 557-570, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54224563010>. Acesso: 10 jan. 2025.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; DARIDO, Suraya Cristina. Sistematização dos conteúdos do voleibol: possibilidades para a Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, n. 2, p. 90-100, 2011. DOI: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v19i2.2773>.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz Revista de Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2177>. Acesso: 10 jan. 2025.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. “Temos que devolver o jogo ao (à) jogador (a)”: as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo. **Movimento**, v. 28, p. e28040, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.119990>.

MENEZES, Rafael Pombo. Perspectiva de ensino-aprendizagem dos princípios de ação e das regras de ação nos esportes coletivos de invasão. **Pensar em Movimento**, v.19, n. 1, p. 214-227, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.15517/pensarmov.v19i1.44215>.

NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. Esporte e a experiência de jogo como formação. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 3, p. 873-893, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rYrL4kNGb8YXYmkq8bFGcsh/>. Acesso: 10 jan. 2025.

OLIVEIRA, Sandra de; FABRIS, Elí Henn. Práticas de iniciação à docência: o diário de campo como instrumento para pensar a formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 52, p. 639-660, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.17.052.ao06>.

PARENTE, Thomás Augusto; GINCIENE, Guy; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. O voleibol e o ensino por meio de jogos: descrição de um material didático digital. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 26, n. 285, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i285.3097>.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. A gestão do processo organizacional do jogo: Uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007. DOI: <https://doi.org/10.5016/256>.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A produção científica em pedagogia do esporte: Análise de alguns periódicos nacionais. **Conexões**, v. 9, n. 2, p. 130-152, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v9i2.8637704>.

SCAGLIA, Alcides José et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.37893>.

SCAGLIA, Alcides José et al. Pedagogia do jogo: Bases conceituais e epistemológicas. In: DA SILVA, Elizaldo Inaldo; DA SILVA, Peterson Amaro (Orgs.). **A cultura e a pedagogia da rua nas aulas de Educação Física escolar**: implicações para a prática docente. São Paulo: Alexa Cultural, 2021. p. 46-74.

SILVA, Luís Felipe Nogueira; LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Epistemologia da prática pedagógica no esporte. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 274, p. 145-163, 2021. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v25i274.2344>.

SILVA, Luís Felipe Nogueira; SCAGLIA, Alcides José. O ‘amalgama’ de saberes docentes: articulações epistemológicas na Educação Física escolar. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, p. 139-159, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24979/b67whw02>.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos aos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, por se dedicarem tanto ao desenvolvimento deste estudo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Esta pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa sob CAAE 85700518.1.0000.5083 e parecer 2.872.245.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores entendem não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 08/05/2025

Aprovado em: 24/09/2025